

**INFLUENZA,
A MEDICINA ENFERMA**



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

CARLOS HENRIQUE DE BRITO CRUZ

Coordenador Geral da Universidade

JOSÉ TADEU JORGE



Conselho Editorial

Presidente

PAULO FRANCHETTI

ALCIR PÉCORÁ – ANTÔNIO CARLOS BANNWART – FÁBIO MAGALHÃES

GERALDO DI GIOVANNI – JOSÉ A. R. GONTIJO – LUIZ DAVIDOVICH

LUIZ MARQUES – RICARDO ANIDO

Comissão Editorial da Coleção Várias Histórias

SIDNEY CHALHOUB (coordenador) – MARTHÁ ABREU

SÍLVIA LARA – JOÃO JOSÉ REIS – ALCIR PÉCORÁ

Conselho Consultivo da Coleção Várias Histórias

CLÁUDIO HENRIQUE DE MORAES BATALHA – MARIA CLEMENTINA PEREIRA CUNHA

MARIA HELENA P. T. MACHADO – ROBERT WAYNE ANDREW SLENES

Consultoria deste volume

MARCOS LUIZ BRETAS DA FONSECA – MARIA CÉLIA VELASCO E CRUZ

LIANE MARIA BERTUCCI

**INFLUENZA,
A MEDICINA ENFERMA
CIÊNCIA E PRÁTICAS DE CURA
NA ÉPOCA DA GRIPE ESPANHOLA
EM SÃO PAULO**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA CENTRAL DA UNICAMP

B462i	Bertucci, Liane Maria. Influenza, a medicina enferma: ciência e práticas de cura na época da gripe espanhola em São Paulo / Liane Maria Bertucci. – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004.	
	1. Influenza – São Paulo (SP). 2. Epidemias – Séc. XX – História. 3. Medicina social. 4. Saúde pública – História. 5. Medicina popular. 6. Charlatões e charlatanismo. 7. Homeopatia – Matéria médica e tratamento. I. Título.	
		CDD 614.5
		614.4
		362.1
		614.09
		615.882
ISBN 85-268-0659-9		615.532

Índices para catálogo sistemático:

1. Influenza – São Paulo (SP)	614.5
2. Epidemias – Séc. XX – História	614.4
3. Medicina social	362.1
4. Saúde pública – História	614.09
5. Medicina popular	615.882
6. Charlatões e charlatanismo	615.882
7. Homeopatia – Matéria médica e tratamento	615.532

Copyright © by Liane Maria Bertucci

Copyright © 2004 by Editora da UNICAMP

Nenhuma parte desta publicação pode ser gravada, armazenada em sistema eletrônico, fotocopiada, reproduzida por meios mecânicos ou outros quaisquer sem autorização prévia do editor.



COLEÇÃO VÁRIAS HISTÓRIAS

A COLEÇÃO VÁRIAS HISTÓRIAS divulga pesquisas recentes sobre a História do Brasil que apontam para a diversidade da formação cultural brasileira. Ao centrar seu foco nas práticas, tradições e identidades de diferentes grupos sociais, seu elenco de obras propõe uma reflexão sobre as tensões e os embates entre valores e interesses que se expressam no campo da cultura. Os trabalhos publicados estão ancorados em sólidas pesquisas empíricas e descobrem novos problemas de investigação a partir das perspectivas abertas pela história social.

VOLUMES PUBLICADOS

01 – ELCIENE AZEVEDO. *Orfeu de carapinha. A trajetória de Luiz Gama na imperial cidade de São Paulo*. Campinas: Editora da Unicamp, Cecult, 1999.

02 – JOSELI MARIA NUNES MENDONÇA. *Entre a mão e os anéis. A Lei dos Sexagenários e os caminhos da abolição no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, Cecult, 1999.

03 – FERNANDO ANTONIO MENCARELLI. *Cena aberta. A absolvição de um bilontra e o teatro de revista de Arthur Azevedo*. Campinas: Editora da Unicamp, Cecult, 1999.

04 – WLAMYRA RIBEIRO DE ALBUQUERQUE. *Algazarra nas ruas. Comemorações da Independência na Bahia (1889-1923)*. Campinas: Editora da Unicamp, Cecult, 1999.

05 – SUEANN CAULFIELD. *Em defesa da honra. Moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940)*. Campinas: Editora da Unicamp, Cecult, 2000.

06 – JAIME RODRIGUES. *O infame comércio. Propostas e experiências no final do tráfico de africanos para o Brasil (1800-1850)*. Campinas: Editora da Unicamp, Cecult, 2000.

07 – CARLOS EUGÊNIO LÍBANO SOARES. *A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro (1808-1850)*. Campinas: Editora da Unicamp, Cecult, 2001.

08 – EDUARDO SPILLER PENA. *Pajens da casa imperial. Jurisconsultos, escravidão e a Lei de 1871*. Campinas: Editora da Unicamp, Cecult, 2001.

09 – JOÃO PAULO COELHO DE SOUZA RODRIGUES. *A dança das cadeiras. Literatura e política na Academia Brasileira de Letras (1896-1913)*. Campinas: Editora da Unicamp, Cecult, 2001.

10 – ALEXANDRE LAZZARI. *Coisas para o povo não fazer. Carnaval em Porto Alegre (1870-1915)*. Campinas: Editora da Unicamp, Cecult, 2001.

11 – MAGDA RICCI. *Assombrações de um padre regente. Diogo Antônio Feijó (1784-1843)*. Campinas: Editora da Unicamp, Cecult, 2002.

12 – GABRIELA DOS REIS SAMPAIO. *Nas trincheiras da cura. As diferentes medicinas no Rio de Janeiro imperial*. Campinas: Editora da Unicamp, Cecult, 2002.

13 – MARIA CLEMENTINA PEREIRA CUNHA (org.). *Carnavais e outras f(r)estas. Ensaios de história social da cultura*. Campinas: Editora da Unicamp, Cecult, 2002.

14 – SILVIA CRISTINA MARTINS DE SOUZA. *As noites do Ginásio. Teatro e tensões culturais na Corte (1832-1868)*. Campinas: Editora da Unicamp, Cecult, 2002.

15 – SIDNEY CHALHOUB, VERA REGINA BELTRÃO MARQUES, GABRIELA DOS REIS SAMPAIO e CARLOS ROBERTO GALVÃO SOBRINHO (orgs.). *Artes e ofícios de curar no Brasil. Capítulos de história social*. Campinas: Editora da Unicamp, Cecult, 2003.

16 – LIANE MARIA BERTUCCI. *Influenza, a medicina enferma. Ciência e práticas de cura na época da gripe espanhola em São Paulo*. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

17 – PAULO PINHEIRO MACHADO. *Lideranças do Contestado. A formação e a atuação das chefias caboclas (1912-1916)*. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

PRÓXIMO VOLUME

18 – CLÁUDIO HENRIQUE DE MORAES BATALHA, ALEXANDRE FORTES e FERNANDO TEIXEIRA DA SILVA (orgs.). *Culturas de classe. Identidade e diversidade na formação do operariado*. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

*Para o Valter,
amor de minha história*

[...] a ciência não é senão um jogo de crianças no crepúsculo, um querer apanhar sombras de aves e parar sombras de ervas ao vento.

FERNANDO PESSOA, *Livro do desassossego*, por
Bernardo Soares

Eu antes tinha querido ser os outros para conhecer o que não era eu. Entendi então que eu já tinha sido os outros e isso era fácil. Minha experiência maior seria ser o outro dos outros: e o outro dos outros era eu.

CLARICE LISPECTOR, *A experiência maior*

AGRADECIMENTOS

Minha mãe achava estudo a coisa mais fina do mundo.
Não é.
A coisa mais fina do mundo é o sentimento.

ADÉLIA PRADO, *Ensino*

Cresci ouvindo histórias de tropeiros, comerciantes, vitivinicultores, fazendeiros, alfaiates e barbeiros: os Figueiredo Urbano e os Filippi Bertucci. Entre elas, todas muitas vezes repetidas, uma era a de Cyro e José Bento de Figueiredo, irmãos de minha avó Albertina, dois jovens que morreram de gripe espanhola na pequena Jacutinga, interior de Minas Gerais. Os anos passaram e, em parte por ter sido embalada por aquelas narrativas, eu agora agradeço aos que me ajudaram a escrever um pouco da história do período da influenza de 1918 na cidade de São Paulo.

Muitas pessoas marcam as páginas deste estudo. Difícil agradecer a cada uma; assim, gostaria que todas, mencionadas ou não, soubessem de minha gratidão e carinho. Obrigada!

Maria Clementina Pereira Cunha, com sua leitura atenta e sugestões pertinentes e instigantes, foi imprescindível para os rumos deste (e de outros) trabalho(s). Nossas conversas poucas vezes foram longas, mas cada encontro foi para mim decisivo. Eu nunca esquecerei.

No Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, tive o privilégio de ser aluna de grandes mestres e de conviver com eles. Agradeço a todos. Tenho uma dívida especial com Maria Stella Martins Bresciani, cuja generosidade só não é maior que a capacidade intelectual. Gostaria ainda

de mencionar Sidney Chalhoub e Edgar de Decca — suas aulas foram fundamentais — e Michael Hall, professor que me ensinou a trilhar os “labirintos” da biblioteca do IFCH, quando trabalhei como bibliógrafa. Gostaria também de lembrar uma professora que permanecerá comigo durante toda a minha trajetória profissional: Déa Ribeiro Fenelon. Sou agradecida ainda a Janice Theodoro, pelos debates teóricos na agora distante graduação em história, e a Maria Amélia Mascarenhas Dantes e Gilberto Hochman, pelos comentários sobre este estudo.

Durante os anos em que freqüentei as salas de aula da UNICAMP, fiz ótimos colegas. Peço licença para mencionar alguns deles: Maria Carolina Bovério Galzerani, Marisa Varanda Teixeira Carpintéro, Marcos Alberto Horta Lima, Jefferson Cano, Edilene Toledo, Luigi Biondi, Glaura Paiva Leone e Lília Pierine. Na biblioteca do IFCH tive excelentes companheiros de trabalho. Aos meus caros colegas Edna Inácio, Míriam Costa, Sandra Ferreira Moreira, Cecília Consul e Maria Fabiana Bezerra Müller, serei sempre agradecida. Deise Tallarico Pupo e Ariovaldo Faccioni são seres humanos ímpares, cuja convivência foi um privilégio. Agradeço ainda a Maria Alice Rebello do Nascimento, Rosângela Maria Soares Parreira e Clarinda Rodrigues Lucas.

Meu muito obrigada ao pessoal que cuida da burocracia da pós-graduação e do Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP, especialmente a Júnior e Lurdinha e, lembrando outros tempos, Terezinha, Esmeralda e Marli. Sou grata também, de forma especialíssima, aos funcionários dos arquivos e bibliotecas que visitei — sem eles este estudo não existiria.

Nas terras do Sul, agradeço o apoio dos meus colegas do Departamento de Teoria e Fundamentos da Educação e dos “camaradas” da pós-graduação, Setor Educação, da Universidade Federal do Paraná. Aos funcionários da UFPR, meu muito obrigada pela imprescindível ajuda com papéis e prazos. Aos meus alunos, que tanto me ensinam, agradecerei sempre. Longe da academia, serei sempre grata a Fábio Antonio Adamo (*in memoriam*) e Edival Perrini.

Mas este trabalho só foi possível com o apoio e o amor incondicional de meus pais, Walter e Lélia, e de meu irmão João Geraldo, que com a Maria Eliza me deu João Daniel e Marília, os pequenos amores da tia Niná. Agradeço ainda a seu Arcy e dona Anna, Arcy Veimar e Sílvia (com a Luiza, minha outra sobrinha) e a toda a família Martins, Martins Costa, pelo carinho com que me acolheu.

Devo muitíssimo aos meus amigos Mônica Nardini (quase irmã), Vera Regina Beltrão Marques (também colega de ofício) e Wilson Roberto Vitorio, Celso Pedro Bom, Marlene e Calvino Caramo (com a Mariana e a Ana Beatriz), Ione Imada e Cezar Rosa, Walter Alexandre Carnielli, Carolina Rodríguez Zuccolillo e Luciano Migliaccio, Nathalia Peixoto e também a meus queridos padrinhos de Jacutinga.

Valter Martins acompanhou cada momento deste trabalho e esteve sempre ao meu lado, me incentivando e sustentando quando eu acreditava que tudo ia desabar. Para ele todo o meu amor.

E assim, com os impostos pagos por pessoas como meus pais, o CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) financiou mais um estudo sobre a história do povo brasileiro.*

* Estudo defendido como tese de doutorado no Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, sob orientação da professora-doutora Maria Clementina Pereira Cunha.

SUMÁRIO

LISTA DE ILUSTRAÇÕES.....	19
LISTA DE ABREVIATURAS	21
PREFÁCIO	23
INTRODUÇÃO	27
1 O TEMPO DA INFLUENZA.....	39
<i>Apresentação</i>	39
<i>Ciência e saúde na São Paulo daquele período</i>	42
<i>Idéias de mudança e transformações na ordem sanitária</i> <i>no final dos anos 1910</i>	68
<i>Os "amargos dias" de 1918</i>	90
2 GRIPE ESPANHOLA	
A PESTE E AS TENTATIVAS DE CURA	173
<i>Apresentação</i>	173
<i>O comércio de remédios: alopatias versus charlatanices</i>	176
<i>Medicina dos sintomas: a epidemia e a ciência homeopática</i>	197
<i>Saberes de cura: mezinhas, curandeirices e orações</i>	220
3 MUITAS INTERROGAÇÕES, POUCAS EXPLICAÇÕES	
A EPIDEMIA ACABOU	285
<i>Apresentação</i>	285

<i>O começo do fim</i>	288
<i>Labirintos da ciência</i>	313
<i>"Ecos da gripe"</i>	338
CONSIDERAÇÕES FINAIS	393
FONTES	399
BIBLIOGRAFIA	417
ANEXOS	443

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 — Alcatrão-Guyot — Os micróbios vencidos por um novo são Jorge	69
Figura 2 — Alcatrão-Guyot — Artilharia da higiene	70
Figura 3 — Comunicado da Diretoria-Geral do Serviço Sanitário	104
Figura 4 — Conseqüências da “espanhola” e O medo da influenza	115
Figura 5 — Um hospital de gripados	131
Figura 6 — Água Purgativa Queiroz	182
Figura 7 — Quinino Ballor	182
Figura 8 — Conselhos ao povo e Cura da gripe espanhola	199
Figura 9 — A charlatanice, a impostura, a cartomancia, a nigromancia e o vegetarianismo de feira	237
Figura 10 — Vicente, o “santo” de São Caetano.....	238
Figura 11 — Epidemia de gripe, organização de serviços	294
Figura 12 — Cruz Vermelha Brasileira	300

LISTA DE ABREVIATURAS

ACM	Arquivo “Dom Duarte Leopoldo e Silva” da Cúria Metropolitana, São Paulo
AEL	Arquivo Edgard Leuenroth, UNICAMP
AMSP	Arquivo Histórico Municipal “Washington Luís”, São Paulo
ANM	Academia Nacional de Medicina, Rio de Janeiro
APESP	Arquivo Público do Estado de São Paulo, São Paulo
BCMC	Biblioteca Julio Mariano da Câmara Municipal, Campinas
BCRAROS	Biblioteca Central da UNICAMP, Setor de Obras Raras
BESALQ	Biblioteca da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, USP
BFAU	Biblioteca da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, USP
BFCM	Biblioteca da Faculdade de Ciências Médicas, UNICAMP
BFM	Biblioteca da Faculdade de Medicina, USP
Bfsp	Biblioteca da Faculdade de Saúde Pública, USP
BIBIFCH	Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UNICAMP
BIFFLCH	Biblioteca da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP
BMMA	Biblioteca Municipal Mário de Andrade, São Paulo
BN	Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro
CCLA	Centro de Ciências, Letras e Artes, Campinas

CMU	Centro de Memória, UNICAMP
CPDOC	Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro
IB	Instituto Butantã, São Paulo
IIC	Istituto Italiano di Cultura, São Paulo

PREFÁCIO

Prefaciando um livro é talvez fazer a crônica duma experiência de leitura. No caso deste livro de Liane Bertucci, narrar a tentativa de imaginar o inimaginável, outrora e agora. Num mundo conflagrado pela “Grande Guerra”, como se dizia, 8 milhões de mortos, fome, miséria, surge de repente uma doença conhecida, gripe de todos os anos, doença desconhecida, gripe nunca vista, mais de 20 milhões de mortos, tormento de quase todo o planeta.

São Paulo, cidade de 500 mil habitantes à época, dia 4 novembro de 1918, 7.786 casos notificados, 172 mortos. Prefeitura e Serviço Sanitário lutam para administrar o caos, minorar o sofrimento coletivo. Mais de 11 mil covas abertas em poucas semanas, 8 mil utilizadas quase de pronto. Desconfiança, incerteza, medo, militares orientados a abusar da continência, não apertar a mão das pessoas. Teatros, cinematógrafos, escolas, tudo fechado. Surge o drama de João Turco. Convalescente num hospital provisório, foge para casa porque não suportava mais a dieta hospitalar, come muitos pepinos, piora da gripe, volta para o hospital, fica desacordado, capela, destino cemitério. Eis que o morto acorda e pede um copo d’água, pondo fim a uma história que galvanizou a imaginação popular. Viro a página do jornal, *O Estado de S. Paulo*, *O Combate*, ou outro qualquer. Tragédia familiar. Esposa e filho matam Ernest, outro gripado que voltara para casa ainda doente, piora, delira. O gripado, imigrante alemão, fala muito, diz haver trocado o protestantismo pelo catolicismo, narra luta entre Deus e o Diabo, a desenrolar-se à sua frente. Os parentes acreditam que o corpo de Ernest, cuja alma já estaria além-mundo, seria a encarnação do Demônio. Cometem o crime, continuam rezando, rezando, louvando a Deus. Outra página. Suicídios, mais suicídios. Dores de cabeça parecem prenúncio do fim. Conselhos à população, re-